

## Tempos enredados na condição docente: narrativas de professores e professoras<sup>1</sup>

*Inês Assunção de Castro Teixeira\**

**Resumo:** Através da História Oral, o estudo analisa alguns aspectos da experiência do tempo na vida dos professores, compreendendo-a como uma construção sociohistórica, que é parte dos sistemas simbólicos das sociedades. É uma experiência complexa, que envolve dimensões objetivas e quantitativas – o tempo dos relógios, calendários e horários escolares – como também dimensões subjetivas e qualitativas – relativas aos significados que os sujeitos atribuem à suas práticas no exercício do magistério, nos tempos docentes. Trata-se, também, de uma vivência temporal inscrita nos ordenamentos rítmico-temporais peculiares à escola, que estão circunscritos e contextualizados nas estruturas rítmico-temporais da vida moderna. Frente a esses referenciais teórico-metodológicos, a investigação busca apreender e analisar as vivências temporais dos professores e os sentidos, significados e sentimentos que eles atribuem ao exercício do magistério e ao trabalho docente no cotidiano da escola. Para tanto, utiliza entrevistas com professores e professoras do Ensino Fundamental e Médio, de escolas públicas estaduais e municipais da cidade de Belo Horizonte, MG, realizadas entre 1997 e 1998. Destacam-se, entre outros aspectos das vivências temporais desses sujeitos, questões relativas à convivência entre gerações humanas (de professores e alunos), temporalidades constitutivas das interações e práticas sociais educativo-pedagógicas, peculiares aos territórios da escola.

**Palavras-chave:** experiência do tempo, condição docente, professor, escola, tempo.

**Abstract:** Through Oral History, this study analyses some aspects of experience with time in the life of teachers, comprehending it as a socio-historical construction, which is part of symbolical systems of the societies. It is a complex experience that involves objective and quantitative dimensions – the time of the clocks, calendars and school hours – as well as subjective and qualitative dimensions – related to the meanings that the individuals attribute to their practices in the work of teaching profession, the teachers times. It is also about a temporal experience inscribed in the rhythmic-temporal organizations that are peculiar to the school. Facing these theoretical-methodological references, the investigation seeks to apprehend and analyse the temporal experiences of the teachers and the senses, meanings and feelings that they attribute to the practice of the teaching profession and to the work as teachers in the quotidian of the school. For that purpose, it makes use of interviews with Elementary and High School teachers of state and municipal public schools of Belo Horizonte, MG, which were done between 1997 and 1998. Among other aspects of temporal experiences of these people, we can point out questions relative to acquaintance between human generations (teachers and pupils), the constitutive temporalities of the interactions and the social educative-pedagogical practices, that are peculiar to the territory of the school.

**Key-words:** Experience with time; teacher condition, teacher, school, time.

\* Departamento de Ciências Aplicadas à Educação – FAE – UFMG. inestei@uol.com.br

1. Trabalho publicado originalmente em espanhol nos Anais da XII International Oral History Conference, realizado em Junho de 2002, na África do Sul.

Este trabalho apresenta alguns aspectos da experiência do tempo na condição docente, a partir de narrativas de professores/as do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas municipais e estaduais. Professores e professoras, aqui entendidos como sujeitos socioculturais, capazes de viverem e significarem o vivido. Atores sociais reflexivos, que experienciam a vida e o mundo, que os interpretam e relatam. Mulheres e homens capazes de interrogarem e narrarem suas vivências - velando-as e desvelando-as, dissimulando-as e clareando-as, recusando-as e aceitando-as - lembrando-as - conforme suas intenções, escolhas e situações discursivas, nas tessituras da memória e do esquecimento.

O conceito de experiência está aqui situado na denominada "experiência da vida" e como algo socialmente construído. Refere-se às vivências dos sujeitos sociais no mundo e na história, ao experienciar de sua existência objetivada nas ações e atividades humanas. Viveres significados e ressignificados, nos quais homens e mulheres vão tecendo relações entre si e com a natureza, em contextos sociohistóricos, micro e macrosociais. O experienciar da existência que envolve os fazeres e os aconteceres humanos no transcurso do movimento da vida. Na fruição dos tempos, a partir dos sentidos, das sensibilidades, dos valores e racionalidades inscritos nas interações e práticas cotidianas da vida pública e privada, nos curtos e longos tempos das histórias individuais e coletivas.

Vê-se ainda que toda e qualquer experiência é ela mesma temporal, pois resulta da práxis humana nas temporalidades irreversíveis e reversíveis, lineares e nos ciclos vitais do transcurso da existência humana. Experiências são feitas, refeitas, desfeitas. São negadas, aceitas, enriquecidas e renovadas em movimentos de continuidade e descontinuidades, de agregação, ruptura com experiências outras, pretéritas e presentes. Experiências são narradas.

Na experiência do tempo no mundo contemporâneo - em que predomina uma noção e formas de mensuração temporal mercantis, quantitativas, lineares, idéias associadas ao desenvolvimento do capitalismo e da vida moderna, tem-se, ainda, uma diversidade de tempos imbricados, como Mellucci (1997) observa. Vivenciamos tempos distintos e por vezes separados, quando não aparentemente opostos. Experienciamos, igualmente, tempos de difícil mensuração: alguns mais diluídos, outros mais concentrados, o que representa separações e interrupções mais fortes e acentuadas, se comparadas às cadências das sociedades mais homogêneas do passado. Tais separações e interrupções ocorrem hoje com a nossa experiência dos tempos interiores - as temporalidades emocionais e afetivas, por exemplo - em relação aos tempos exteriores, ritmados e regulados pelos relógios. Tem-se, pois, nas sociedades atuais, dentre outras de suas modulações rítmico-temporais, uma diversidade temporal descontínua, contrariamente a certa aproximação dos tempos sociais e das experiências temporais subjetivas, observadas em sociedades agrárias e tradicionais.

A experiência do tempo dos professores a entendemos como um trabalho desses atores gerindo, articulando, tecendo as várias temporalidades implicadas na condição de mestres, de docentes, temporalidades constituídas de várias camadas: da dinâmica e das estruturas temporais das instituições escolares; das cadências inscritas nas interações sociais pedagógico-educativas, marcadas pela (con)vivência intergeracional; dos ritmos próprios da construção e transmissão do conhecimento e das cadências da formação humana. Camadas temporais

essas, inseridas nos contextos sociohistóricos rítmico-temporais das sociedades contemporâneas, em que se destaca a cadência da vida urbana, das cidades, e os compassos da informática, os tempos internautas.

Dessa delicada e complexa arquitetura temporal, trazemos à análise algumas de suas significações para os professores entrevistados. O que representam para eles essas vivências temporais? Que significados lhes atribuem? Quais os seus sentidos para os professores e professoras entrevistados/as e o que destacaram, a esse respeito, em seus relatos?

Na impossibilidade de trazer a este trabalho toda a riqueza do que ouvimos dos professores e professoras sobre essas questões, focalizamos um aspecto que se destacou: as ambigüidades. Trata-se de uma experiência marcada por ambigüidades. Ambigüidade: "hesitação entre duas ou mais possibilidades; característica ou condição do que é ambíguo". Ambíguo, do latim *ambiguus*, "que tem dois sentidos, equívoco". No existencialismo, "situação básica à qual está submetido todo ser humano, que consiste em se defrontar com a ausência de um sentido preestabelecido ou prefixado sobre a vida, devendo portanto lutar incessantemente para inventá-lo e estabelecê-lo no mundo real" (HOUAISS, 2001, p.,183).

Tentamos, pois, apreender e compreender as ambigüidades de sentidos inscritas e evidenciadas na experiência do tempo de nossos/as entrevistados/as. Com esse propósito, nomeamos tais ambigüidades, expondo-as, neste trabalho, nos pares em que se apresentaram. Ou seja, trata-se de tempos vividos e significados como "excesso e falta", como "alegria e dor", como "instituído e instituinte", dentre outros possíveis pares de sentidos opostos e de aspectos que modulam e emolduram a plural arquitetura dos tempos docentes.

### "Às vezes o tempo não dá tempo"

O tempo de professora é o ponto crucial da minha vida. Tenho o tempo todo para o trabalho: colégio, corrigir provas, elaborar todo o material, digitar no computador, ler, estudar e fazer/participar de reuniões. Sobra muito pouco tempo para o lazer e a família. [...] Eu gostaria de ter mais tempo para o viver, deitar sem pensar o que posso fazer melhor, que tal questão deveria ser mudada, que o material não ficou muito bom, etc. Nesse caminhar você vê o tempo passar e até o administra bem, mas está faltando: ficou para trás o tempo família, mais lazer sem ter que voltar mais cedo, porque tem que trabalhar em casa. É isso que desgasta. No trabalho a entrega é total; no lazer, não; na família, também não, falta tempo. (VERÔNICA)

Meu tempo de professora? Esse tempo, acho que é a minha vida em si, porque eu trabalho de manhã, de tarde e à noite, e em casa também. A vida de educadora, no meu caso, é a minha vida. Eu não tenho nenhuma outra atividade. Meu trabalho preenche todo o meu tempo. Nos domingos, a maior parte deles ou estou programando as aulas ou corrigindo prova e eu vou, por exemplo, na casa da minha mãe, na casa dos meus irmãos. Só isso. Nas férias é que as vezes a gente faz uma viagem, mas o tempo fora das férias é corrigindo provas, programando aulas. (GABRIELA)

A primeira coisa que a gente fica perguntando é como deu conta. A carga horária, só matematicamente falando, eram 24 mais 40, ou 64 aulas semanais, no total. E o trabalho do professor implica um tempo bem grande fora da sala de aula, com relação à preparação de aula, correção de exercício, correção de trabalhos, correção de teste de romance, correção de redação. Mas para mim o mais importante ainda é o tempo fora da escola, para você se sentir cidadão, como pessoa e também como professor. Mas

primeiro como pessoa, como cidadão, alguém fazendo parte de seu tempo. Um tempo que você tinha que conquistar para poder ir ver um filme, porque como é que você vai dar literatura, por exemplo, se você não está assistindo um filme... (JÚNIOR).

Essa questão do magistério parte muito da questão da vocação, a gente tem que acreditar no que faz. É fundamental o compromisso. Se a gente tem esse compromisso, quer fazer um trabalho bom. E esse trabalho bom exige um tempo superior ao tempo que a gente tem disponível. Às vezes sacrifica o momento do lazer, o contato de família, por causa desse compromisso.[...] Acho que o compromisso é diretamente proporcional à exigência da gente. E esse tempo, você faz mágica com ele. Você nem imagina como é a vida. É sábado, domingo, feriado. Você dedica mesmo. Você desdobra. Você vem à escola quantas vezes quanto for necessário. (LUIZA)

Essas falas de nossos entrevistados, além de outras importantes dimensões da experiência do tempo na condição docente que nos revelam, são claras quanto a um dos pares de ambigüidades inscritos nos sentidos dessa experiência: “o excesso e a falta”, vividos concomitantemente. Há um excesso de tempo dedicado ao trabalho e uma falta, uma ausência de tempos para o lazer, a família, o descanso, o ócio e outras das dimensões da vida e condição humana. O trabalho preenche os dias e noites, os dias de semana e parte, quando não todo o tempo, dos finais de semana dos/as professores/as. Na escola ou fora dela, eles e elas estão envolvidos com o seu trabalho, seja com ocupações muito concretas, seja com preocupações relativas a seus alunos e escolas. Esse é um fato recorrente, na maior parte de nossas entrevistas com docentes e nos relatos acima. Ou seja: enquanto é amplo e irrestrito, excessivo, o tempo de trabalho na escola, fora dela, os períodos de lazer, da família ou de coisas outras, extra trabalho, inexistente, é mínimo. É o tempo da falta. Para haver, terá que ser “conquistado”, como Júnior afirmou.

Mas não é somente essa a forma como o excesso e a falta aparecem na experiência dos tempos cotidianos docentes. Alguns entrevistados trouxeram-nos outras de suas figurações, como se pode observar nestes dizeres de Íris e de Paula, respectivamente:

O tempo, dentro da sala de aula, às vezes é comprido e às vezes é muito rápido. Depende da aula. Conforme a aula, conforme a turma. Conforme o que você está dando e a maneira como você encara a aula, parece que foram 10 minutos [...]. A aula que é boa, que é produtiva, em que todo mundo pode falar e se abrir, é outra aula. Aí não dá tempo. O tempo não dá tempo. Então, eu não sei não. [...] Parece que é assim: eu me renovo dependendo da aula que eu dou. Eu não estou cansada no final da aula. Estou até com mais ânimo para a próxima aula.

Tem turmas em que o tempo para a gente parece que realmente demora muito mais a passar. Você tem um desgaste maior e um retorno muito menor. E há aulas em que, às vezes, se os meninos pudessem ficar durante o recreio também, eles emendariam...

Nessas duas falas, o sentimento do excesso e da falta de tempo aparece associado ao que poderíamos chamar do tempo qualitativo, imensurável pelos relógios. Trata-se, aqui, de um tempo impregnado de positividade, pelas significações que o constituem, pelos sentidos do que se está fazendo. Nessas ocasiões, os mesmos longos cinquenta minutos do relógio transformam-se em breves momentos, curtos, efêmeros, em função do que neles se está vivendo e como esse vivido é significado, sentido, percebido. Nesse caso, falta tempo, no excesso de tempo das aulas e do trabalho docente. Como Íris observa: “Aí não dá tempo. O tempo não dá tempo”.

Seguindo adiante, na esteira dos relatos de nossos/as professores/as, o excesso e a falta de tempo aparecem ainda em outra de suas contradições, tal como Henrique nos revela nesta sua fala:

O sentimento que eu tenho é angustiante, porque sinto que quero fazer muita coisa, mas não dou conta de fazer, inclusive, no momento, estou trabalhando em três períodos. Eu passo o sábado e o domingo cuidando do meu tempo na escola. [...] É um tempo curtíssimo. Acho que 24 horas é pouco. A gente tinha que ter mais tempo. Como a gente fala, o ideal é trabalhar num período só e ficar na escola a tarde toda ou em casa, para cuidar das turmas com que a gente está [...] É um tempo para cuidar do trabalho mesmo, de que a gente acaba descuidando porque trabalha de manhã, à tarde e à noite. E o tempo de descansar? Eu estou sentindo isso muito: estou precisando de um tempo para mim. Para dormir, descansar, levantar cedo e ir tomar um banho de uma hora. Tomar café, ler um jornal e depois ir para a escola. Eu vejo esse tempo de me qualificar como pessoa e de qualificar o aluno. Essa falta de tempo de que a gente fala aí, vai desqualificando o nosso trabalho, desqualificando a nossa pessoa, o nosso aluno, o nosso colega. Então o meu sentimento é de angústia, é de não ter tempo de cuidar dessas coisas.

Nesse plano, tem-se que o mesmo tempo vivido e sentido como excesso de tempo para o trabalho, falta para certas exigências e necessidades desse mesmo trabalho. Em outros termos, há excesso de tempo de trabalho e ao mesmo tempo falta tempo para certos tipos de trabalho, de tarefas ou de fazeres necessários à qualidade do trabalho docente. Aqui, as inúmeras atribuições e atribuições dos mestres nem sempre se dirigem para o que seria o mais importante: a qualidade de seu trabalho e de suas relações com os estudantes. Essa é uma grave e preocupante questão trazida por Guilherme, que nos apresenta indagações como: estariam os docentes realizando, nesse excesso de tempo que dedicam ao trabalho, aquilo que é mais importante para qualificar a sua atuação, ou estariam eles se envolvendo com tarefas menores e, com isso, gerando a falta de tempo para tarefas mais importantes do ponto de vista educativo-pedagógico e do aprimoramento da qualidade de seu desempenho profissional? Dito de outro modo, qual a qualidade desse excesso de tempo quantitativo de dedicação do docente ao seu labor?

Essas e outras interrogações e, sobretudo, esse tempo vivido como excesso e falta são motivos da dor, da angústia, do sofrimento e do desprazer dos professores em relação à sua experiência do tempo. Contudo, é ela, ainda assim, alegria, satisfação, contentamento, prazer, uma positiva e feliz emoção. Sigamos tentando entender essa outra das ambigüidades que marcam a vivência temporal de professores/as.

“Tem alegrias e tristezas,  
a gente não vive com uma coisa só...”

Tal como Guilherme nos revelou em sua observação registrada acima, esses conflitos e tensões na experiência do tempo dos professores e as ambigüidades que se apresentam ao viverem eles o tempo como excesso e como falta, e mais especificamente, a falta de tempo para certas atividades e viveres – tudo isso dá origem a outros pares de oposições peculiares à experiência temporal, na condição docente: os tempos docentes vividos, concomitantemente, como “alegria e

dor”; como “prazer e desprazer”; como “bem-estar” e “mal-estar”; como “angústia e satisfação”. Vejamos como isto se apresenta, a partir de outras falas dos/as professores/as nas entrevistas, começando por algumas colocações de Rogério que, se, de um lado, falou-nos que o tempo de professor é um tempo perdido, de outro, mostrou como se sente bem neste lugar:

O tempo do professor é um tempo perdido. Quando você está diante de uma turma, prepara todo o seu material, você faz pesquisa, prepara sua aula, passa para ele sua informação, então às vezes ele não quer nada com a dureza [...] Então, nisso aí eu acho que a gente perde tempo. Não sei, futuramente, se ele próprio vai dar valor a isso. A gente não sabe o resultado final [...] Será que vai funcionar? O resultado não é palpável e isso é angustiante [...] Nas outras profissões é palpável. O pedreiro vê a obra, constrói a base, está acompanhando, está vendo o resultado, é palpável.

À frente, em sua entrevista, Rogério prossegue:

A escola é diferente. Lidar com pessoas é importante, é diferente de lidar com máquinas e papéis. É claro que é diferente. Eu acho que o que realiza o professor não é a questão do salário. Esse não vale nada. Acho que é quando ele está lidando com o adolescente, na formação. Ele acompanha essa moçada, aprende e aprende muito. Esse é um lado que a gente não pode desmerecer. O aprendizado com o aluno, como pessoa [...] Porque muitas vezes o aluno acredita em você, não é que você tinha uma turma totalmente interessada. Às vezes o aluno quer um conselheiro, isso acontece em sala de aula. Se ele se identifica com você, se ele tem empatia com você, ele passa a fazer de você um conselheiro. Se não se dá bem com a mãe, com o pai, às vezes são coisas que ele não tem coragem de dizer para a diretora, mas fala com você...

Tal como nesse relato de Rogério, as colocações de Renata que se seguem, feitas em dois momentos de sua entrevista, denotam claramente o prazer e o desprazer, as alegrias e as dores, o bem-estar e o mal-estar da condição de professor, vividos de uma só vez, por motivos semelhantes e distintos dos de Rogério. Ela nos fala:

Magistério entra na parte do sentimento. [...] Eu acho que, como eu já te falei, está tão incorporado à minha vida, que eu não dou conta de separar isso. Tem momentos de prazer, que dão uma enorme esperança e tem momentos de tristeza, de frustração. Eu tenho tido muita frustração, mas é porque, para dizer a verdade, a gente percebe melhor a frustração do que aquela coisa boa. [...] Pode ser que para uns o que você fez não tenha sentido nenhum, mas para outros, de repente, tem. Tem coisas boas quando você encontra um aluno no meio da rua, de terno e gravata e ele fala: ‘Professora, estou fazendo engenharia!’ Opa, eu penso, tem alguma coisa a ver comigo! É prazeroso! Pena que é a longo prazo. Eu acho que você não tem retorno muito rápido. Isso que é o ruim, o sentimento ruim, a frustração porque você demora a perceber a realização do seu trabalho. Não é como você tecer uma blusa ... Ela fica pronta e está ali, não é assim...

À frente, Renata acrescenta:

É uma coisa tão pequena que a gente faz, e eu achava que era grande demais. Hoje eu acho que o que a gente faz é muito pequenininho na vida das pessoas. Então, é muito a longo prazo. Quando você encontra e vê, até o pior aluno, aquele bagunceiro, e você vê que virou um homem sério, dá uma sensação de velhice. Mas, ao mesmo tempo, dá uma sensação de bem-estar. Eu gosto disso, por isso eu falo que não dou conta de

largar o magistério. Eu gosto de saber que passei um pouco na vida de todo mundo. Isto é bom! Do contrário, trabalhar num escritório... Um aluno outro dia me perguntou quantos alunos eu já tive na vida. Fiz uma conta, mais ou menos, mas já esqueci, tenho que fazer de novo. Foi gente demais, acho mais de dois mil. Acho que é isso. É muita gente! Agora, se você trabalhar em um escritório, você só vive ali, com aquelas pessoas, aquela coisa maçante. Não, não te dá alegria. "Eu acho que você tem as duas coisas, tristezas e alegrias. Como a gente não vive com uma coisa só" (grifo nosso), eu acho que dando aula a gente vive mais do que em qualquer outro emprego. Qualquer outro não, aí eu estou exagerando, do que um emprego burocrático. Acho que é o que eu dou conta. Eu gostaria de ter uma coisa mais emocionante ainda. Eu gosto de emoção, mas dentro do meu limite é isso. A minha emoção é essa!

Vê-se, nessas colocações de Rogério e de Renata, dentre outros aspectos e assim como outros/as professores/as disseram, que as dores e alegrias do magistério, da condição docente, passam pelas relações dos docentes com os seus alunos e pelas temporalidades próprias ao ato educativo, do qual nem sempre se vê o resultado imediato, pois esse poderá ocorrer e se mostrar somente no futuro. Em um tempo posterior ao de suas interações. De outra parte, o fato de as relações entre docentes e discentes serem marcadas pelas diferenças de gerações – jovens e adultas, novas e antigas temporalidades – pode representar dificuldade, tanto quanto alegrias, como pudemos ver na maior parte dos/as professores/as que ouvimos.

Em outros termos, como Renata e Rogério salientaram, as peculiaridades temporais do trabalho educativo impedem que seus resultados sejam, por vezes, perceptíveis no momento em que ele se realiza. Ou, então, o que interessa a um jovem em uma aula, pode não interessar a um adulto, pois, além de suas outras diferenças, ambos estão situados em distintos ciclos de vidas. Muito embora essa diferença de gerações possa ser motivo de satisfação para os professores, como o próprio Rogério revela, quando se vê como conselheiro do aluno.

Nas entrevistas de outros/as professores/as, parte desses sentidos e sentimentos do tempo reaparece e outras idéias são trazidas, como, por exemplo, a falta de tempo para atividades extra-trabalho, que surge como um forte motivo de descontentamento com o magistério. Uma questão intimamente associada não somente à natureza do trabalho educativo, mas também às condições objetivas, materiais e financeiras de exercício do magistério no Brasil. Aspectos relativos aos índices salariais, ao grande número de alunos, de turmas e escolas nas quais os docentes têm que trabalhar para aumentar seus salários e conseguir sua sobrevivência aparecem também como um forte motivo para seus dissabores, tristezas, sofrimentos e incômodos nos tempos do magistério. Vejamos essas questões nas palavras de Íris e Luana, respectivamente:

Olha, o tempo, na vida do professor, é um pouco escasso, porque a faixa salarial do professor é muito baixa. Ele é obrigado a trabalhar em várias escolas, fazer dois, três turnos de trabalho para completar o salário. [...] Então é um problema. Tem muitas dores, eu acho, na vida dos professores. (ÍRIS)

O que me faz sofrer bastante na vida de professor, é que eu tenho que dar muitas aulas para sobreviver e aí meu tempo de mãe fica pequeno. Fica pequeno meu tempo de esposa, tempo para mim também. Então isso eu acho assim, e você acaba levando para casa um monte de tarefas.[...] Sempre trabalhei muito [...] Sempre dei muitas

aulas; 50, 60 aulas de matemática por semana [...] Se eu pudesse voltar no tempo eu não daria tantas aulas assim.

Mas ainda que com essas muitas dificuldades e sofrimentos, o prazer e a alegria dos tempos da docência reapareceram de outras maneiras, em geral também associados às relações, à convivência com os jovens, com as novas gerações, ou mesmo com o ser humano, dentre outros aspectos, sentimentos visíveis nestes relatos de Henrique, Luana e Camila:

É com eles que a gente escuta o “rap” da moda, a roupa da moda, a linguagem da moda. É com eles que a gente vê tudo do novo. Eles te trazem à sala tudo do novo. É importante a gente parar e olhar e internalizar isso. Eles vêm falando: ‘Professor, você sabe?’ Isso é um presente que eu vejo. A escola traz o novo todo ano, porque a gente está sempre recebendo o aluno novo. A cada instante o novo chega na escola. A escola nos dá as novas gerações de presente. (HENRIQUE)

Para mim é muito prazeroso, e às vezes os meninos até assustam comigo. Dá a impressão de que a gente está roubando um pouquinho da energia deles, não é? Então quando você começa a fazer algumas coisas, que já não batem mais com a sua idade, eles acham estranho isso. Há horas em que eu tenho até que parar e falo: ‘Meu Deus do Céu, não sou menina mais não!’ Então eu acho que isso é bom para mim [...] Essa troca com os meninos para mim é muito importante. É muito prazerosa. Eu gosto, porque acho que também é uma coisa que me faz feliz no magistério: eu poder estar fazendo esta flexão. E aí, automaticamente, eu volto no tempo, corro, pego aquela energia deles. Eu acho que é muito bom. (LUANA)

Eu tenho 11 turmas de primeiro ano num turno e 8 no outro. São só de primeiros anos. E nenhuma turma é igual à outra. A individualidade do ser humano é uma coisa muito surpreendente. Você tem surpresas o tempo todo. É isso o que fascina no ensino, sabe? É o ser humano. E você não tem nenhum momento igual ao outro. Nenhuma cabeça igual à outra. Sempre eu gosto muito de trabalhar com a parte afetiva do aluno, a auto-estima. Nos meus textos, em aula de literatura, procuro muito trazer essa parte, evidenciar essa parte. E é aí que se vê como é o mundo dessa meninada, desses jovens. É muitas vezes surpreendente! (CAMILA)

Ouvir certas lembranças e sentimentos dos alunos, em um tempo futuro, pode ser também motivo de contentamento com a profissão, tanto quanto não ter este retorno imediato pode ser motivo de frustração e sofrimento dos professores. Júnior e Luana nos disseram, também, desta alegria própria dos horizontes de passado, presente e futuro implicados nos tempos docentes, fazendo do tempo *khronos*, *kairós*, nas palavras de Júnior:

Às vezes alguém toca no meu ombro no ônibus e fala: “Olha, Júnior, me esqueci muito da gramática que você falou, mas os livros que a gente debateu em sala, os filmes que a gente discutiu, alguns problemas pessoais que a gente colocava quando ia preparar o tema para alguma redação, as músicas, coisas mais pessoais que a gente punha, tanto da sua parte como dos alunos, aquilo lá ficou para mim.” Isto é, ultrapassou o *khronos*, virou significado, então ficou um *kairós*. E o aluno ainda continuava: “Agora eu estou casado e aquilo lá está me ajudando”. Então, nessa hora, eu fico muito emocionado. Saber que está valendo a pena!

Reencontrar, na escola, seus alunos do passado é também, para Luana, motivo de alegria:

Olha, eu posso te falar uma coisa que me dá mais prazer nessa minha profissão de professor, é quando eu percebo as mudanças que foram acontecendo no meu aluno, porque eu tenho aluno de quem fui professora na quinta e que eu reencontro lá no segundo grau, no terceiro ano do segundo grau. Então eu percebo que há mudança. Aquilo bate para mim, dizendo que vale a pena ser professora, que a escola vale a pena [...] Dá um prazer imenso encontrar esse aluno depois, e perceber que a escola foi importante na vida dele e que faço parte daquilo ali e tal.

Embora já sejam tantas, há outras ambigüidades nas significações que os professores atribuem à sua experiência com o tempo: tanto o tempo se apresenta como já determinado, estabelecido, instituído – um tempo a ser obedecido, respeitado e cumprido – como se propõe que seja construído, modificado, definido e redefinido pelos docentes no cotidiano da escola e da sala de aula – tempos instituintes. Trata-se, portanto de tempos já determinados nos horários, calendários, currículos, tanto quanto de tempos que são transgredidos, alterados, ampliados, diminuídos.

“Esse tempo você não pode mudar ... Na sala você pode mudar”

Olha, eu acho que o tempo da escola é meio rígido. Você tem o seu horário e esse horário é cumprido. Você pode dar uma modificada em termos de seu trabalho na sala. Mas em termos do horário da aula, não. Você recebe o seu horário de aulas desde o início do ano e tem que cumpri-lo. Esse tempo você não pode mudar. Esse horário você não pode mudar. Na sala você pode mudar o seu trabalho, o seu método de dar aula, mas o horário você não muda [...] A gente organiza nossa vida dentro desse horário de escola. É como se fosse assim: o horário da escola é imexível. Tento organizar a minha vida a partir daí. As outras coisas eu vou organizando, mas o horário da escola é definido. (PRISCILA)

Eu acho que a gente constrói o tempo. Você pode até construir o tempo para mais. Hoje mesmo, uma professora estava me falando que um professor falou que ela estava entrando na aula dele. [...] Eu acho que aí ela está esticando o tempo dela. Aumentando. E também sinto que tem gente que constrói esse tempo para diminuir, que sai antes de bater o sinal para o recreio, que sai antes do final do horário, não sei se porque já ficou até as 22:00 horas [...] Ou então você vê que ele está fazendo um tempo menor mesmo, tirando um tempo dentro da própria aula mesmo, não é só na hora do recreio e no final da aula não. Você vê que às vezes, dentro da própria aula, o professor termina mais cedo um pouco, encerra. Ele fica lá dentro mas dá por encerrado. Você vê que, de certa forma, ele está construindo o tempo. [...] ... alguns ficam dentro da sala sem fazer nada, e deixam o tempo livre, não sei, talvez seja uma forma de conseguir um tempo, ou de matar o tempo, não sei a interpretação. Construir o tempo livre. (IZABELA)

Eu sou muito de obedecer ao tempo. Tenho que estar ali à uma hora, tenho que... Mas eu fico pensando que a gente cria certos tempos na sala de aula. Isso aí eu acho que não é tão difícil. A gente modifica as coisas de acordo com a necessidade da turma e tal [...] Os tempos na sala de aula, eu sinto que os modifico. Dentro da sala de aula, eu posso modificar e passo a resolver com os meus alunos. [...] Então o meu tempo aqui é com a minha matéria. Um tempo que poderia ser para isso pode ser modificado, pode ser ampliado, pode ser diminuído, mas ali, dentro daquela hora, 60 minutos só. Agora, fora não. A menos que a gente negocie. A gente anda até negociando... (GABRIELA)

Esses dizeres de Priscila, de Izabela e de Gabriela, respectivamente, evidenciam esta outra das ambiquidades implicadas na experiência do tempo docente: sua dupla face – “instituída e instituinte”; um “tempo determinado e um tempo construído” por esses sujeitos. Se, de um lado, os tempos vividos pelos/as professores/as se configuram mediante os imperativos temporais das sociedades e suas instituições, de outro eles são construídos por esses sujeitos sociais da escola. Essa experiência temporal não está dada de uma vez por todas. É produzida nas interações do cotidiano escolar e da sala de aula. Trata-se de experiências temporais com dimensões instituídas – materializadas nos instrumentos de cômputo temporal e nas pautas e imperativos temporais regularmente cumpridos e com dimensões instituintes – visíveis nas práticas sociais que redimensionam e ressignificam, que transgridem, alteram, aumentam e diminuem os tempos cronológicos estabelecidos, reordenando-os, redimensionando-os, redefinindo-os. Nesse sentido, os/as professores/as em suas interações com os/as alunos/as, reproduzem, tanto quanto produzem, as temporalidades do dia-a-dia escolar, em ações em que alteram suas cadências, instituindo outros tempos e rítmicas. Como se pode observar nos relatos acima, há situações e contextos em que eles e elas rompem, constroem e reconstróem os tempos individuais e coletivos existentes na escola.

Se algumas dinâmicas temporais eles não podem alterar – pois se referem a estruturas temporais elaboradas por longas cadeias de gerações humanas, nos longos tempos da história – a dinâmica dos tempos da sala de aula, dos recreios e outras mais vão sendo por eles alteradas e construídas a cada dia. Seja de modo organizado, coletivo e explícito, seja de modo espontâneo, informal, individual e subterrâneo. Não raro, os docentes desconhecem e se recusam totalmente os tempos estabelecidos, nos tempos de recusa, nos tempos de suas lutas e resistência à exploração dos seus tempos de trabalho vendidos, não pagos, mal pagos, tal como se passa nas greves.

Sim, certamente, só se pode entender de modo mais profundo e completo os fatores subjacentes e as determinações dessas configurações e ambigüidades da experiência temporal dos professores aqui trazidas, se as compreendermos nas dinâmicas temporais que regulam os tempos mercantis do trabalho assalariado e se desvelarmos as temporalidades constitutivas dos processos de socialização, concretizados na ação das gerações adultas sobre as novas gerações, nos processos e práticas educativas. É também necessário que as analisemos na confluência e interseção de seus aspectos objetivos, sociohistóricos e subjetivos, nas experiências dos sujeitos que as vivenciam. Contudo, a análise desses fatores e determinações é objeto para um outro trabalho, que não este, em que buscamos apresentar uma visão panorâmica de alguns aspectos dos tempos envolvidos na condição professor, através de suas próprias narrativas.

## Referências bibliográficas

- HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Objetiva. 2001, p.183.
- MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação. ANPED*. São Paulo, n.5/6, p. 5-14, maio/dez. 1997.